



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A ANCESTRALIDADE FILOSÓFICA: CONCEITO INSPIRADOR PARA UMA FILOSOFIA BRASILEIRA OU PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA AUTENTICAMENTE BRASILEIRA

Alexandra Quadro Siqueira^{3*}
(UFBA)

Dante Augusto Galeffi^{**}
(UFBA)

Eduardo David de Oliveira^{***}
(UFBA)

Leonardo Rangel dos Reis^{****}
(UFBA)

Lisiane Weber Oliveira^{*****}
(UFBA)

RESUMO

Este ensaio propõe uma investigação que toma a arkhé como conceito inspirador, respaldado na ancestralidade filosófica, como possibilidade fundante na cultura afrodescendente no Brasil para gênese de uma Filosofia Brasileira, que subsidie e institua uma nova Educação Filosófica. Percebe-se que através da interlocução nos discursos, a Filosofia pôde estar a serviço de muitos objetivos e interesses. Intenciona-se apresentar as dimensões de uma Filosofia Brasileira para autorizar-se a filosofar em problemas filosóficos próprios e em língua nativa na formação oferecida na Educação Brasileira, tendo-se em vista, uma aprendizagem filosófica transversal e transdisciplinar em relação às demais disciplinas do currículo e tensionar as múltiplas propostas epistêmicas que

* Mestranda em Educação, graduanda em Filosofia e Sociologia. Bacharel em Ciências Econômicas. Faculdade de Educação (Faced). Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: alexandra.quadro.siqueira@gmail.com

** Doutor em Educação. Professor Permanente do Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC) e do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (Faced). Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: dgaleffi@uol.com.br

*** Doutor em Educação. Professor do Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC). Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: afroduda@gmail.com

**** Mestrando em Educação. Bacharel em Ciências Sociais. Faculdade de Educação (Faced). Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: leonardorreis@hotmail.com

***** Mestranda em Educação. Licenciada em Pedagogia. Faculdade de Educação (Faced). Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: lisweber@bol.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

podem emergir a partir da cultura local. Por ora, não almejamos, e nem podemos, formular respostas acabadas, mas, apenas refletir as possibilidades e o momento.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Filosofia, Educação Filosófica, Ancestralidade Filosófica.

Matutações Do Alvorecer⁴

Esse mundo vem sendo gerido, mapeado, estratificado e controlado por conhecimentos múltiplos que se objetivam, mais e mais, em confluência para um falso manto de unidade, num discurso ocidental “igualitário” que, vem impondo modelos como se fossem os únicos. Por um lado, vem ditando regras econômicas, educacionais, morais, de costumes, de línguas; em nome de uma ideologia capitalista burguesa. Por outro lado, a globalização e seus processos característicos, não cessam de esbarrar em processos de resistência, que demonstram o seu lado perverso e suas contradições, uma vez que grande parte da população mundial encontra-se em crescente onda de miserabilização (“os excluídos da globalização”); de conflitos territoriais, religiosos, étnicos (“os invisibilizados para alteridade”); de ataques terroristas (“os inimigos do estratificado”); da proliferação de atos violentos no espaço urbano (“os resultantes marginais e residuais da tensão ordem/desordem”); da crise do trabalho (“os sacrificados da obsolescência”); da crise e desagregação das relações intersubjetivas (“os desterritorializados da socialidade e da afetividade”).

A escola contemporânea básica traz em seu bojo um profundo problema estrutural, didático e filosófico que se torna perceptível até mesmo fora dos muros da escola e se reflete nas questões socioeconômicas. A formação veiculada por um

⁴ Matutar significa pensar, mas aqui assume uma conotação maior a fim de se contrapor às Meditações Cartesianas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

determinado currículo não é estritamente técnica, alcançando patamares diversos que implicam na construção da identidade do sujeito em formação. A escola atual ainda enquadra-se muito comodamente na lógica disciplinar, em que os educandos encontram um modelo pronto e obrigatoriamente devem adaptar-se a ele. Fazendo isso, ela torna-se anacrônica, negando-se a se debruçar sobre a realidade que vem se configurando ubiquamente: uma sociedade contemporânea em profunda crise de seus valores e instituições, que faz emergir o caráter fragmentário e individual das identidades em formação dentro deste contexto.

Os diversos movimentos de contestação e de crítica, traduzidos nos mais diversos movimentos socioculturais, são tão capazes e tão criativos, ao ponto de inventar e instituir uma dinâmica própria de auto-sustentação e de re-existência⁵, intervindo assim na perversa lógica do capital como única possibilidade possível e abrindo o importante espaço para à diversidade e a diferença. Ao propor desafios imprevistos à razão dominante, os re-existentis abrem novos espaços que emanam novas perspectivas de encarar a subjetividade humana, o outrem, enfim o ser humano em seu estar no mundo. Preocupada em lidar com as diferenças, com a questão da alteridade, em compreender e enxergar o outro: àquele que é negado, humilhado, invisibilizado, assujeitado nas relações sociais. Mostrando, entre outras coisas, que a lógica da identidade se dá sempre na **ebulição da multiplicidade**.

A Filosofia, A Ciência E A Sociedade Do Conhecimento

Na acepção da sociedade do conhecimento, parece também que, a própria Filosofia corre perigo quanto a sua razão de ser, pois, a ciência vem conseguindo

⁵ Os movimentos de re-existência marcam os principais conflitos e manifestações políticas de nossa atualidade e mostram que a produção das subjetividades também se inscreve nos movimentos das políticas de significações e de reconhecimentos. Trata-se da tentativa individual e coletiva de criar agências e processos legítimos de emponderamento. Em português esta palavra é muito significativa, pois a resistência porta a condição e possibilidade do existir. Ela mostra que a existência é tensionada por movimentos de constantes reelaborações.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cientificar a Filosofia e colocá-la a seu serviço, sob suas ordens e ao seu dispor. Logo, será que, estamos indo em direção à deriva da própria sorte? Ou será que o destino do ser homem, a potência humana, a nossa aptidão é sermos quem somos hoje? Por que muitos de nós não nos autorizamos a mudar o contexto sociocultural, político e econômico em que estamos inseridos, a começar pela defesa em prol de uma Filosofia Brasileira?

No Brasil, ao longo da história, percebe-se que Filosofia foi e é sinônimo de fazer uma exegese hermenêutica (regurgitar o que os grandes filósofos fizeram) ou fazer história da filosofia. Não se concebe pensar numa filosofia a partir do nosso filosofar próprio, a partir dos nossos problemas, para emergir uma filosofia eminentemente brasileira imbricada numa cultura brasileira, numa matriz afrodescendente. Pois, de maneira predominante, a Filosofia e o Ensino instituído nas Universidades e nas escolas do Ensino Médio se resumem a pensar e a ser, enquanto verdade acerca de uma única lógica, uma única matriz: a ocidental. O discurso engendrado pela matriz curricular nas escolas e na Universidade reifica a invisibilidade dos sujeitos que foram negados ao longo da história brasileira. Portanto, torna-se imprescindível a necessidade de refletirmos as poli-lógicas, poli-éticas e poli-estéticas que configuram as possibilidades de um pensar multiversal, para além do horizonte determinado pela filosofia ocidental, seus preconceitos e etnocentrismos característicos.

Mas, como será possível construirmos uma filosofia transversal e transdisciplinar em relação às demais disciplinas do currículo, nascida nas encruzilhadas, nos encontros, nas relações, ao tensionar as múltiplas propostas epistêmicas que podem emergir a partir da cultura local? Será isto mesmo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

filosofia?! Nessas condições, nas palavras do filósofo brasileiro Eduardo David de Oliveira⁶ é preciso refletir se há

uma epistême universal ou haveria uma epistême de acordo com cada cultura? Sou daqueles que advogam que cada cultura produz seu próprio regime de signo, e que eles podem ser mais ou menos desterritorializados de acordo com o contexto em que surgiram e multiplicaram-se. [...] A cultura se constitui no modo de apreensão do real, e o real constitui-se como singularidade. Ora, o modo pelo qual eu apreendo o real depende da percepção que tenho da singularidade. Depende, sobremaneira, do observador que observa e não do que é observado. Os objetos do mundo não são independentes do observador.

Sob esse conflito questiona-se: quais as possibilidades que o princípio arquétipo originário da filosofia (a arkhé) em sua nascente (na cultura) pode conduzir na reforma do ensino de filosofia? Necessita-se, afinal, de uma Filosofia autenticamente brasileira para a educação filosófica ou de uma nova educação filosófica eminentemente brasileira para a Filosofia, ou de ambas as alternativas? Nestas condições, poderia ser a galinha de angola a nossa simbologia para esta Filosofia da Ancestralidade que ao mesmo tempo é tão híbrida e tão griótica, pois ela tem cor, tem sabor, tem cheiro, tem língua, tem contexto, tem suor, tem corpo, tem gente da gente e tem muitas histórias para serem contadas.

A Filosofia, A Ciência E A Sociedade Do Cuidado

Vivemos num tempo de ambiguidades e transições. Estamos num momento que sinaliza fortemente a necessidade de refazer nossos paradigmas, nossas epistemologias, ou corremos o risco de entrar em colapso motivado por um

⁶ Preâmbulo 'Epistemologia da Ancestralidade' Disponível no endereço eletrônico: <<http://www.entrelugares.ufc.br/entrelugares2/pdf/eduardo.pdf>>.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

esvaziamento de sentidos. Este movimento de dessacralização é exatamente o que se manifesta na proposta de se fazer uma ciência outra. Nela, é claramente perceptível a sugestão de desenvolvimento da pesquisa qualitativa como alternativa ao empiricismo. É o que se pode ver nas palavras de Macedo (2004, p. 92) “reivindica-se um novo espírito científico não-imperialista. No âmago deste novo espírito científico demanda-se um método que acima de tudo articule o que nos paradigmas tradicionais é concebido de forma parcelaria, disjuntiva”.

A pesquisa qualitativa sendo **m o v i m e n t o**, significa que precisamos nos **m o v i m e n t a r**, sair da inércia, despertar, nos desprender, nos arriscar, nos desafiar; emergir nesta nova perspectiva, neste alvorecer que nos chama para viver essa aventura aventureira e aventurada, mas, pensada, bastante pensada, em um pensamento implicado, que ultrapassa a distinção entre teoria e prática.

Como fazer ciência sendo mestiça, conforme metáfora usada pelo filósofo Dante Galeffi acerca do fazer ciência para os puros e os impuros, ou melhor, mestiços? Uma dificuldade visível, mas não impossível e extremamente pertinente para nós que vivemos em um país híbrido, mestiço, desde o início de sua formação. Neste sentido, somente o ser humano, em comunhão, pode decidir, escolher pela sua qualidade de vida. Semelhante encontro pode ser metaforicamente retratado pela **Ágora**, mas também pelo espaço do **Terreiro**.

A proposta aqui, não foi de fazer um texto, em sua acepção tradicional, de unidade de significação pronta e acabada, com uma história bem contada, do começo ao fim, de forma linear. A intenção que conduz o presente trabalho não é a de apresentar conclusões inacabadas, porém, a de realizar um esforço preliminar em despertar o ensino de filosofia como uma atitude filosófica dialogante entre seres aprendentes e aprendizes.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Todo mito é uma narrativa fantástica, seja de que origem for. A nossa realidade hoje também é! Fantástica no sentido literal. O que significa dizer que na multiplicidade existe a possibilidade do encontro: de que nesse novo modo de fazer ciência tomamos por objeto de estudo **a própria pessoa humana na sua ação multidimensional**. Esse será o nosso ponto de fuga, nos desprendendo de um posicionamento relativo ao objetivismo positivista, que impede nossa passagem pela subjetividade, até conseguirmos realizar a tal epoché num momento de imanência. Há, portanto, que imbuir-se de uma imaginação metodológica autêntica que ultrapasse a mera descrição e interpretação sumárias, produto de simples constatações. Pois, é uma ciência viva, é preciso sentir, experienciar, pois cada experiência é única e intransferível. Uma imanência que fatalmente poderá nos conduzir a uma **transcendência da imanência**, cujo modelo mais uma vez é a religiosidade de matriz afro. Rumo a uma ancestralidade mestiça, onde o cuidado ao subordinar o conhecimento constrange os indivíduos a aceitarem regras sempre fluidas e cambiáveis, dos contextos contingentes de significações. Daí a pertinente observação de Lipovetsky (2005) de que vivemos hoje em sociedades onde os processos de autorização se dão com mais facilidade.

Da Sociedade Do Cuidado A Uma Nova Epistemé Da Ancestralidade Filosófica

Não é segredo para ninguém que a ciência, nas últimas décadas, fora duramente criticada. A ciência e seu poderoso desenvolvimento tecnológico, sua interferência nas duas grandes guerras, a criação da bomba atômica, a incrível capacidade de aumentar a produtividade da agroindústria e o consequente desperdício do excedente, a despeito de milhões de pessoas que sofrem com a fome nos países do sul, são apenas alguns exemplos, que provocam perplexidade e

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

nos faz questionar a eficácia e a racionalidade da ciência e nos alerta que além de ser centrada no conhecimento e na questão da verdade, nos dias de hoje, ela tem de ser acima de tudo ética. Parece mesmo que a centralidade epistemológica⁷ de cariz Iluminista está ou já se esvaneceu. A ética⁸ parece ter destronado o lócus antes ocupado pela epistemologia e se tornado o princípio norteador da nossa cultura, das nossas sociedades (TOURAINÉ, 2007), das nossas ações, dos nossos desejos e até mesmo das nossas desculpas.

Um bom exemplo disso é a mutação que ocorreu na forma de se pensar e se conceber o campo epistemológico na escola francesa de pensamento na década de 60. Neste sentido, parece que dois dos autores paradigmáticos foram Bachelard e Foucault. O primeiro, inspirado na concepção einsteiniana, introduz a noção de tempo enquanto descontinuidade e preconiza o primado do tempo instantâneo (2007), e ao fazê-lo mostra que “a razão é fundamentalmente descontínua retificando-se a si mesma, a seus métodos e a seus próprios princípios, o que a torna dinâmica e inconstante” (BARBOSA, BULCÃO, 2004, p. 22), questionando assim sua validade universalizante e homogeneizadora e imprimindo a descontinuidade no próprio ritmo da cultura ocidental, mostra, entre outras coisas, a relatividade do progresso, que leva ao questionamento de uma série de valores e normas, postuladas pela moral no Ocidente. Porém, Bachelard empreende a crítica à noção de progresso de maneira muito tímida, pois centra suas análises ao campo específico das ciências, mais especificamente às chamadas ciências da vida e a química. Enquanto Foucault parece operar uma espécie de alargamento

⁷ Forma de constituir e de conceber o mundo, a vida e todos os homens através de uma grade de leitura centrada no processo de conhecimento; teve seus contornos forjados em torno das culturas da Grécia e da Roma antigas e chegou ao ápice na época da ilustração, quando o homem pode se ver “liberto das crenças e dos dogmas” e atrelado a um avançado processo de laicização. Desde então, ele pensou que a racionalidade poderia ser a forma mais segura e correta de se colocar e intervir no mundo.

⁸ A ética é uma das principais figuras do Cuidado (*Sorge*). O princípio do cuidado está disseminado nas mais variadas relações e “esferas da vida”, causando um verdadeiro curto-circuito nos princípios e valores que dominavam nas “comunidades” e gravitavam em torno de uma moral que subordinava os indivíduos às instituições, e os fazia representar-se a si mesmos através de grandes esquemas de pertencimentos e lealdades “eternas”.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

epistemológico, nos estudo das ciências humanas e fazer uma espécie de epistemologia social; desembocando num relativismo histórico, “semelhante ao de Claude Lévi-Strauss. Da mesma maneira como não há inferioridade ou anterioridade entre sociedades primitivas e sociedades modernas, não há verdade para ser buscada nas diversas etapas constitutivas do saber, e só há discursos historicamente detectáveis.” (DOSSE, 2001, p. 209). Empreendendo críticas formidáveis ao tipo de filosofia essencialista e centrada no sujeito, este pensador revigorou os estudos epistemológicos, aproximando-o do mundo vivido (da dimensão cultural), e, ao fazer isso: “[...] aparece, assim, o tema da filosofia presente, inquieta, móvel em toda sua linha de contato com a não-filosofia, não existindo senão por ela, contudo, e revelando o sentido que essa não-filosofia tem para nós” (FOUCAULT, 2008, p. 76). O restabelecimento da imanência/aparência aponta para a força da vida, que mostrada em toda a sua tragicidade, assinala suas contradições, sua diversidade, e nos convida rumo a uma possível estética da existência⁹. Assinalada entre outras coisas pelo desenvolvimento do processo de secularização das esferas culturais e pela “desestabilização dos valores tradicionais”, e também pelo fenômeno de “mobilidade absoluta introduzida pela competição universal e pelas necessidades vitais da comparação permanente” (FERRY, 2010, p. 31).

Outro exemplo deste processo que estamos chamando de descentramento epistemológico pode ser expresso de forma metafórica, no continente americano, através do “surgimento” da Antropologia Interpretativa¹⁰ (na década de 70), que

⁹Com esta noção o autor assinala uma problemática fortemente presente nos dias de hoje, qual seja, o da relativização dos valores. “Por estética da existência, há de se entender uma maneira de viver em que o valor moral não provém da conformidade com um código de comportamentos, nem com um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita”, “a estética da existência nos põe, com efeito, diante de uma universalidade sem lei” (CASTRO, 2009, p. 151). Tema atualizado principalmente pelas demandas dos novos movimentos sociais, por suas reivindicações e lutas pelo reconhecimento.

¹⁰Esta escola do conhecimento surgiu com forte influência da hermenêutica da Hans-Georg Gadamer e de Paul Ricoeur, e intensificou o chamado estudo das teorias simbólicas nas ciências humanas, abrindo toda uma grade



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tem em Clifford Geertz dos principais representantes e no lançamento das obras *A Interpretação das Culturas* (1973) e *O saber local* (1983) os seus ecos principais. Em *O saber local* (1983), o referido autor compila uma série de importantes ensaios que tentam mostrar como o processo da significação se dá de forma sempre indexalizada/contextualizada, sempre atado às significações e disposições da trama cultural, até mesmo nas chamadas instituições mais respeitadas da modernidade como: o Direito, o Estado, a Escola, a Filosofia, etc.

Neste sentido, o princípio do cuidado é revelador uma vez que pode nos situar no entrecruzamento, literalmente, na encruzilhada da celebrada diversidade e de sua intrínseca lógica do devir e no fenômeno do abortado caminho aberto pela igualdade e sua correspondente lógica do repouso, e assim, nos levar a compreender o que significa essa “corporificação” ou “presentificação” que se encontra presente nos mais variados recônditos, e que, muitas vezes se apresenta de forma paradoxal e combinada como o seu oposto e complementar canal de virtualização, ao ponto de ser possível afirmar também que “vivemos hoje na era da globalização e da consagração da vida privada”¹¹ (FERRY, 2010, p. 33).

A partir da transição que vivemos com o (re)torno da Filosofia na Educação Básica, obrigatoriamente no Ensino Médio nas escolas brasileiras, e que vem, aos poucos, se (des)velando entre a legalização e a legitimação, torna-se imprescindível a necessidade de refletirmos sobre possibilidades da gênese de uma filosofia autenticamente brasileira, tendo em vista um filosofar conseqüente e vivamente formador de uma condição humana mais radicalmente implicada com nossa emancipação, com nossa tradição e com nossa ancestralidade.

de leitura do mundo, da cultura e da vida como textos, ou seja, como estruturas dependentes de modos específicos e arbitrários de significações. Podemos dizer que de alguma forma, a metodologia hermenêutica consistiu/consiste na crítica mais bem acabada ao cientificismo e ao etnocentrismo, o que não é nenhuma surpresa, visto que desde sua origem, com Weber e sua *Metodologia das Ciências Sociais* (1922), os seus adversários foram desde o início o positivismo e o evolucionismo; e ajudou a aprofundar o processo tão bem analisado e chamado por Heidegger de desterramento do homem.

¹¹ Grifo nosso.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Assim, pelo reconhecimento que vivemos de forma paradoxal, de que a escola brasileira, de fato, encontra-se em uma crise paradigmática proveitosa para se repensar sua modelagem formativa, seria a atividade filosófica um meio capaz de contribuir na reconfiguração da formação desejada? Aprender a pensar é um dos imperativos da educação em nossos dias? Mas, de qual filosofia estamos tratando para tal empreitada?

Segundo o filósofo Eduardo David de Oliveira (2007, p. 234), a Filosofia da Ancestralidade é uma filosofia do acontecimento, sem metafísica, mas com transcendência, cuja nascente é a cultura. Onde as formas culturais contêm e emanam energias. Energias são forças. Força é a potência das atitudes. Ela só é limitada pela forma: forma e força não se dissociam. A energia se dissipa no espaço. Aqui, o espaço não é vazio, mas é visto como conceito mediado por signos. Ele é signo e coisa ao mesmo tempo. A força é signo. A forma é o invólucro do próprio signo. Deste modo, para Oliveira (2007, p. 245):

Ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando-se os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência. A ancestralidade é um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contêm dobras, Labirintos e desdobram no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência.

Neste sentido, o mito mantém poder e encantamento, porque ao mesmo tempo em que revela, também esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. Encanta tanto pela beleza desvelada, como pela beleza velada. Em todo caso, a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na obra de arte, na música, na dança! E a vida, aqui é vista, como uma obra de arte e seus



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

segredos são transmitidos através dos mitos. As suas narrativas transmitem conhecimentos e criam a própria realidade que se quer conhecer.

Mediante o que foi posto, pensamos que é preciso re-conhecer a importância e a necessidade primaz de buscar na ancestralidade filosófica, encarnada na arkhé, como conceito inspirador, princípio e destino, começo e fim, a possibilidade fundante para uma nova Educação Filosófica, através do reconhecimento de um âmbito comum relacionado à ancestralidade e à possibilidade presente do filosofar criador como atividade aprendente radical. A fim de abrir possibilidades de se fazer filosofia em outras línguas, que não sejam a grega, a alemã e a francesa. E por que não buscar os nossos objetos de estudos respaldados nos nossos problemas filosóficos, nossas noções e conceitos epistemológicos, nossa língua, com nossos sotaques, nossas regionalidades, nossas gírias, nossas crenças, nossa cultura?

Matutações Do Entardecer

A filosofia pode se propor e se dispor enquanto campo do saber e currículo em ato, com etnométodos condizentes com um cuidado no pensar inventivo, crítico-reflexivo e dialógico, a pensar questões prementes ao contexto de investigação propositivo e implicado. Eis algumas questões que começam a ser bastante discutidas aqui no Brasil e que esperam por maturação e mais espaços de diálogos a fim de fomentar uma formação com garantias mínimas para postar-se em cena e atuar como educador-pesquisador-filósofo.

Então, o ser educador-pesquisador-filósofo sugere em assumir uma postura de abertura para a multiplicidade que se encontra no mundo. Expressa também um sentido outro ao admitir o inacabamento do ser humano como própria condição humana de existência para o estabelecimento dos processos de criação e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de invenção. Significa ser capaz de se autorizar como ser múltiplo que se estabiliza temporariamente no uno. Para isto, ele precisa estar comprometido em uma práxis e em uma poiesis que atenda as demandas em prol de uma formação humana multirreferencial, multi-ética e poli-lógica com uma abordagem filosófica transdisciplinar.

A ancestralidade filosófica nos remete a importância e o compromisso do resgate da nossa tradição, dos nossos antepassados. Precisamos repensar a nossa origem para compreender nosso destino! A nossa descendência africana e indígena foram subjugadas e negadas ao longo da história da formação do povo brasileiro e a Filosofia Brasileira, ainda hoje, tende a privilegiar a matriz ocidental. Contudo, precisamos nos desfazer das amarras que fomos e ainda estamos presos. Conforme as palavras do filósofo Eduardo David de Oliveira, confirmamos o que já acreditávamos e sentimos na pele: o corpo de fato sente! O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê com os olhos de encanto. Cada olhar constrói seu mundo! A Tradição Africana é encantamento, mistério, magia. Subverte o pensar lógico da razão existente na filosofia ocidental de matriz eurocêntrica. Ela nasce na experiência. A experiência são os sentidos, a técnica do mistério, do encantamento: a essência do todo. Não há limites senão os definidos pelo microcosmo do indivíduo e suas singularidades, em uma conflituosa harmonia com o macrocosmo.

A Cosmovisão Africana é um vazio criativo, não tem forma, mas pode dar a forma. Cultura é máscara que é mais que a identidade. É interatividade, mistério, integração. A divindade e a relatividade fazem parte da escolha do encantamento, é como uma profusão do diverso, do múltiplo, sem fronteiras, como o corpo da mulher forte (Yansã). A magia precede a Filosofia, a opinião, a doxa. Correlaciona-se ao mito, ao sobrenatural. E há uma distinção dos saberes (comum, dos autores clássicos) em termos de forma, mas com conteúdo e enunciados



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

semelhantes. É um retorno (eterno), ou melhor, o eterno (retorno) daquele que nunca foi, porém nunca poderá ser de todo conhecido!

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. Bachelard: **Pedagogia da razão, Pedagogia da imaginação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **A hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. **A Interpretação das Culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- MACEDO, Roberto Sidnei. GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- _____. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Epistemologia da Ancestralidade - Preâmbulo**. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/entrelugares2/pdf/eduardo.pdf>>. Acesso em junho, 2011.
- _____. **Filosofia da Ancestralidade: mito e corpo na educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- TOURAINÉ, Alain; KROSROKHAVAR, Farhad. **A Busca de Si: diálogos sobre o sujeito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.